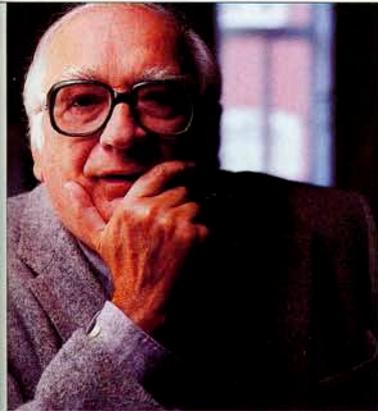


A *Máxima* e a Madalena



A Madalena Fragoso deixou a Direcção da *Máxima*. Só agora, que ela saiu, é que eu medi bem o significado do acontecimento. Até aí a Madalena era uma querida amiga e devo confessar que o facto de ser directora de uma revista que eu acompanho desde o seu nascimento, não adiantava nada à minha relação com ela, que não podia ser melhor.

Agora que ela saiu, cá na realidade. A Madalena fez uma revista feminina como não encontro outra em Portugal e sei o que isso foi difícil e o que isso representou de empenhamento e seriedade. Não é fácil fazer uma revista feminina num país com uma tradição muito enigmática da cultura da mulher – daquilo que lhe interessa e daquilo que era bom que ela se interessasse.

Uma revista feminina deve ser uma companheira e cúmplice de uma mulher num mundo que

está cada vez mais complexo e confuso, quanto ao que é bom e o que é mau e sobre os legítimos e especiais interesses que a tocam. Saímos ainda há pouco tempo de uma sociedade em que a mulher não intervinha na história e, hoje, embora a sua presença já seja visível, não se pode dizer que ela esteja com o homem em igualdade de circunstâncias. Eu recordo sempre a frase da saudosa Françoise Giroud, quando foi ministra da Condição Feminina em França: “Só haverá igualdade de condições entre homens e mulheres numa sociedade, quando mulheres mediócras ocuparem cargos de responsabilidade.”

Eu acho que ainda não estamos aí. Por aqui, uma mulher só ocupa um cargo de responsabilidade quando as suas

Uma revista feminina deve ser uma companheira e cúmplice de uma mulher num mundo que está cada vez mais complexo.

qualidades são evidentes e por isso, normalmente, dão muito boa conta do recado, como aconteceu com a Madalena com a aventura da *Máxima*. Eu estou certo que a revista vai continuar assim porque a *Máxima* era mais do que uma revista: era a presença de uma certa cultura do feminino na sociedade portuguesa. E esse espírito que determinou a qualidade da revista, estou certo que vai permanecer.

A *Máxima* descobriu uma coisa importantíssima: a missão da mulher está mais na forma da sua presença no quotidiano do que com o poder que tem nas mãos. Creio que há duas formas de autoridade: a autoridade no masculino que se exprime pelo uso do poder e a autoridade no feminino que põe na relação com o outro uma delicadeza e um halo poético que o homem não sabe dar.

O perigo – e todas estas coisas têm um perigo – é que a mulher não resista à tentação de se “masculinizar” quando tem nas mãos formas de poder. A Madalena atravessou toda esta fase de directora da revista sem modificar a sua maneira de ser, a sua delicadeza, a sua educação e foi com isso que fez uma revista que faz parte do nosso tempo que foi tão vário e tão complicado. ■